

Banqueiro francês está otimista com o Brasil

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

PARIS — "A situação econômica do Brasil não pode ser tão catastrófica como alguns estão pintando, da mesma forma como não era tão brilhante há três meses, como outros pretendiam". Essa apreciação, a menos pessimista recolhida nos últimos dias junto aos meios financeiros franceses, é de Eric Lemaitre, dirigente do Paribas, um dos principais bancos franceses envolvidos com a dívida brasileira.

A declaração do banqueiro francês emerge de um universo de críticas que têm sido feitas pela comunidade financeira européia sobre a condução da política econômica brasileira. Isso tem deixado Eric Lemaitre de certa forma perplexo, razão pela qual resolveu condenar o excesso de ceticismo que se constata no Exterior, lembrando que não há razão para um pessimismo exagerado em relação ao Brasil, mesmo porque o potencial econômico e a força de produção do País continuam intactas, embora reconheça que se atravessa um momento difícil. Sua opinião é importante, pois ele é um dirigente de banco que nem sempre aplaudiu os rumos escolhidos pelos responsáveis da política econômica brasileira.

Agora, ao contrário de outros dirigentes bancários europeus, Eric Le-

maître não considera que as perspectivas de uma boa renegociação da dívida comercial com os Estados Unidos estão mais limitadas em razão da evolução negativa da economia brasileira nos últimos meses. A seu ver, o Brasil, ao contrário de outros países em desenvolvimento, possui excelentes profissionais e bons negociadores, pessoas razoáveis, que os credores gostam de ter à frente durante uma negociação. Por essa razão, acredita que as perspectivas de renegociação continuam abertas, advertindo que é preciso deixar de lado o pessimismo exagerado, "o que não é bom nem para o País e nem para os banqueiros internacionais".

Na verdade, essa posição de Lemaitre vem funcionando um pouco como se fosse a de um bombeiro junto a outros banqueiros franceses mais assustados com as notícias vindas de Brasília. A maior parte deles considera que essa explosão do Plano Cruzado se deveu à não correção dos efeitos negativos do plano e que puderam ser identificados desde o início de sua aplicação. Quando o governo resolveu enfrentá-los já era tarde demais. Agora, espera-se que até o carnaval, o governo ainda possa definir uma política econômica mais clara e coerente antes da negociação com os bancos comerciais em Nova York. Se isso for feito, as negociações poderão se desenvolver normalmente, pois, na verdade, há um

interesse mútuo, do Brasil como devedor, e também dos credores.

Quanto ao problema da ida ou não do País ao Fundo Monetário Internacional e das pressões que poderão ser exercidas pelos credores nesse sentido, certos banqueiros franceses afirmam que esse é mais um problema político e psicológico. A imagem negativa do FMI junto aos países latino-americanos, como uma instituição que intervém nas economias dos Estados, anula o lado positivo de um órgão criado para socorrer economias em dificuldade, o que o FMI tem feito em inúmeros países em desenvolvimento, e também do Leste, como Polônia, Hungria e outros. Ninguém em sã consciência pode imaginar ou admitir que o Fundo Monetário possa intervir diretamente na política econômica de qualquer um desses países socialistas. Outra ambigüidade do governo brasileiro citada por áreas financeiras francesas é que ele tem reafirmado constantemente que não pretende assinar nenhum acordo clássico com o FMI, mas nem por isso deixou de sustentar a candidatura vitoriosa do francês Michel Candessus, chegando mesmo a liderar a articulação dessa candidatura junto aos demais países latino-americanos quando da recente substituição de Jacques de Larosière, na direção geral dessa instituição financeira.